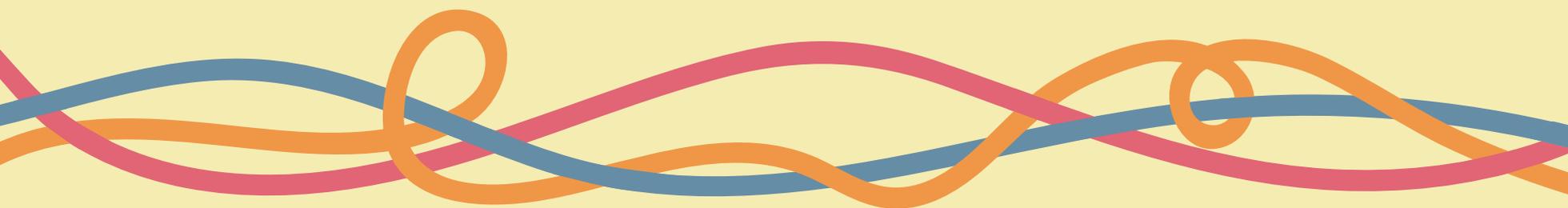


• DIAGRAMA •

CEFET-MG é notícia

Histórias que se entrelaçam



Colaboradores terceirizados do CEFET-MG participam de cursos que proporcionam autoconhecimento e qualificação profissional

páginas 6 a 9

• ENSINO SUPERIOR •

Pesquisa mostra que 51,6% dos estudantes da graduação do CEFET-MG são pardos ou negros

páginas 4 e 5

• CONSELHO DIRETOR •

Órgãos de representação estudantil têm atuação garantida na Instituição

páginas 10 e 11

• PÓS-GRADUAÇÃO •

Araxá e Divinópolis sediam primeiros mestrados da Instituição no interior

página 12

Há sempre o que ensinar e aprender

A Extensão Universitária é o meio mais utilizado pelas Instituições de Ensino para efetivar seu compromisso social, já que possibilita desenvolver ações para superar as desigualdades, disponibilizando para a sociedade o conhecimento produzido no ambiente acadêmico. Essa prática se dá pela aproximação e troca de saberes entre servidores, alunos e população, propiciando o encontro entre teoria e mundo real. Entende-se que, a partir dos projetos de extensão, o ensino rompe as barreiras da sala de aula e sai do ambiente institucional. Mas uma ação de extensão que se realiza dentro do CEFET-MG é extensão? Sim! E aqui apresentamos um projeto nesse sentido.

O mote para esta proposta surgiu da necessidade de se conhecer as pessoas que zelavam pela limpeza e manutenção da Instituição. Embora estivessem todos os dias nesse ambiente, há muito tempo não se sentavam em uma cadeira escolar, sendo que alguns deles não sabiam ler nem escrever. Diante desse cenário, propusemos ao Departamento de Linguagem e Tecnologia que elaborasse um curso de escrita para eles; assim surgiu “A escrita de si como instrumento de visibilidade para os terceirizados do CEFET-MG”, carinhosamente chamado “Escrita de si”. A partir dele estamos olhando para dentro e demonstrando que é possível, e extremamente necessário, rompermos as barreiras interpostas dentro do CEFET-MG.

No primeiro dia de aula, apresentamos Carolina Maria de Jesus e seu livro “Quarto de despejo”; uma aluna questionou: “Como assim? Uma mulher negra, pobre, favelada e escritora? Isso existe?”. “Sim, existe e estamos aqui para apresentá-las”. Na aula seguinte, essa mesma aluna nos trouxe um texto contando a vida da autora e disse que se emocionou lendo: “Nunca imaginei que existissem escritoras assim”. Sem acesso à educação formal, por questões socioeconômicas, esses alunos estão tendo a oportunidade de se alfabetizarem e de melhorarem a comunicação oral e escrita.

A abertura do saber construído na Instituição é uma possibilidade efetiva para que o sujeito desenvolva visão crítica da realidade, rompendo o processo nivelador a que a cultura submete os indivíduos. Fazendo isso, o CEFET-MG forma o estudante e o cidadão, provocando, assim, mudanças sociais.

Termino esse texto citando Paulo Freire, patrono da educação brasileira e referência mundial em Educação: “Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.

Juliana Pacheco
Técnica administrativa

Coordenadora do Projeto de Extensão

“A escrita de si como instrumento de visibilidade para os terceirizados do CEFET-MG”
Chefe do Departamento de Arte, Design e Tecnologia

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Prof.ª Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Secretário de Comunicação Social

Luiz Eduardo Pacheco

Editor

Diogo Tognolo
MTB 19.065/MG

Projeto Gráfico e Diagramação

Brígida Mattos

Equipe de Jornalismo

André Luiz Silva
Diogo Tognolo
Flávia Dias
Gilberto Todescato Telini
Nívia Rodrigues

Colaboração de
Ana Beatriz Dias de Souza

Gráfica e Editora

Mafali
Tel. (31) 3476-6566

Tiragem

3.500 exemplares



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG • CEP 30.421-169 • Tel. (31) 3319-7004
secom@adm.cefetmg.br | www.cefetmg.br



Foto: Radlja Ohanna

“Minha casa acolhedora”

Ingressei na instituição em 1958, quando era Escolas de Aprendizes Artífices e a sede ficava na avenida Augusto de Lima. Durante sete anos, fiz o curso de Torneiro, no Oficial Básico, e o curso técnico em Mecânica. A família veio em seguida: meu irmão; meu outro irmão; minha filha, que cursou Química; meu filho, que cursou Eletrônica...

Tenho muito boas lembranças daquela época. Fui interno durante o curso técnico, e o Padre Antônio Sérgio estava sempre nos acompanhando. Gostava de frequentar a biblioteca, por exemplo. Depois que concluí o curso, fiz Engenharia na PUC e a grande base que conquistei no CEFET-MG foi muito importante para a minha graduação.

Na solenidade de inauguração da nova sede, onde hoje está localizado o *campus* I, na Avenida Amazonas, fui escolhido, por ser o aluno mais baixinho à época, para representar os discentes. O então presidente, Juscelino Kubitschek; a professora mais antiga da Instituição à época, Maria Búfalo, e eu plantamos árvores no espaço onde hoje é o bosque. Cada um de nós plantou uma árvore, que acredito eu, ainda estão plantadas na área!

Eu morava em Belo Horizonte na época, mas depois me mudei para outras cidades por causa do trabalho e desde 1992 estou em Paraisópolis, no sul de Minas. Vou passar uma temporada de quatro ou cinco meses em Belo Horizonte e vim visitar a Instituição. Desejo voltar outras vezes, pois aqui é a casa acolhedora em que me formei como pessoa e como profissional.

Manoel Jacinto da Costa

Ex-Aluno do ensino técnico do CEFET-MG

CEFET-MG passa por Avaliação Institucional

Nos próximos meses, técnicos do MEC farão uma visita aos *campi* Belo Horizonte para avaliar as instalações e conversar com segmentos da comunidade acadêmica

• André Luiz Silva •

De tempos em tempos (três anos para faculdades e centros universitários, e cinco anos para centros federais de educação tecnológica e universidades), todas as Instituições de Educação Superior (IES) do Brasil passam pela Avaliação Institucional, que é realizada pelo Ministério da Educação (MEC). Esse processo é condição para a continuidade da oferta de vagas, abertura de novos cursos e repasse de recursos, e o não cumprimento dos prazos implica irregularidade administrativa. Nesse momento, o CEFET-MG está vivenciando o processo de avaliação. A nota dada ao final desse processo varia entre um e cinco, sendo condição essencial para validação da qualidade dos serviços oferecidos à comunidade. Atualmente, o Índice Geral de Cursos (IGC) do CEFET-MG é quatro, que equivale a um “muito bom”.

A presidente da Comissão responsável pela avaliação do CEFET-MG, professora Carolina Riente, explica que o processo acontece em três fases. Primeiramente, um conjunto de informações dentro do sistema do MEC é preenchido e é dado início à abertura do protocolo de pedido. Em um segundo momento, após análise da Secretaria de Regulação da Educação Superior (Seres), é aberto um segundo formulário eletrônico para preenchimento no sistema e-MEC, com informações relacionadas aos cinco eixos contidos no instrumento para o recredenciamento institucional (Planejamento e Avaliação Institucional, Desenvolvimento Institucional, Políticas Acadêmicas, Políticas de Gestão e Infraestrutura). Após esse preenchimento, as informações passam por nova análise, agora pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio

Teixeira (Inep), órgão vinculado ao MEC, verificando também o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do CEFET-MG, o Relato Institucional e os atributos docentes. Por fim, terminada essa análise, chega-se à terceira fase, em que a Instituição recebe a visita *in loco*. “As duas primeiras fases já foram concluídas e um grupo de trabalho constituído para atuar com as diretorias e demais setores do CEFET-MG na organização física da documentação e do próprio local de trabalho para a verificação *in loco* por parte dos avaliadores do MEC, além de atuar como multiplicador com os servidores da Instituição acerca da importância desta organização para a visita”, explica Carolina.

Pela autonomia universitária

A manutenção ou a melhora da nota na avaliação é um dos critérios para que a Instituição continue com sua autonomia, que são garantias mínimas para a autogestão dos assuntos relativos à atuação do CEFET-MG no desempenho das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Hoje, o CEFET-MG tem autonomia administrativa, financeira e patrimonial, científica e didático-científica e disciplinar.

De acordo com o diretor-geral do CEFET-MG, professor Flávio Santos, atualmente, a Instituição tem indicadores que a qualificam para uma nota cinco e é essa a meta nesse processo de avaliação institucional. “Essa nota cinco vai implicar um grau de autonomia mais elevado”, diz.



Atualmente, o CEFET-MG conta com 94 cursos técnicos, 23 graduações, 10 especializações e 14 pós-graduações stricto sensu (mestrado ou doutorado)

51,6% dos estudantes da graduação do CEFET-MG são pardos ou negros

Dado é superior ao constatado em outras Instituições Federais de Ensino Superior no Sudeste (43,9%) e no Brasil (51,2%), mas inferior ao da população brasileira, que é de 60,6%

• André Luiz Silva e Nívia Rodrigues •

O número de estudantes de graduação autodeclarados negros e pardos no CEFET-MG é percentualmente maior do que aquele constatado em outras Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) do Sudeste e do Brasil, além de vir crescendo ao longo dos últimos anos: é o que aponta a 5ª Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Ifes, divulgada em maio deste ano.

O levantamento é realizado periodicamente pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (Fonaprace) com o objetivo de identificar como é constituída a comunidade de graduandos das universidades federais brasileiras. O questionário foi respondido em 2018 por cerca de 420 mil estudantes de 65 instituições.

Dos 6.379 discentes que responderam à pesquisa no CEFET-MG, 51,6% se autodeclararam pardos ou negros, número superior ao constatado no Sudeste (43,9%) e no Brasil (51,2%). Na pesquisa anterior, realizada em 2014, o número de pardos ou negros era de 41,2%.

Renda

Os dados do levantamento na graduação apontam também que o CEFET-MG tem conseguido atingir um público vulnerável socioeconomicamente. Dos estudantes que participaram do levantamento, 65% tem renda *per capita* de até 1 salário mínimo e meio.

Tanto a maior presença de alunos autodeclarados pardos ou negros, como a de estudantes de menor renda *per capita* têm sido percebidos cotidianamente pela ampliação das vagas de ingresso por meio da política de cotas na educação pública. “Os dados nos mostram os esforços dos últimos anos em ofertarmos o acesso socialmente mais justo e igualitário à Instituição; no entanto, entendemos que são necessários avanços na consolidação das políticas de cotas raciais e/ou de renda, para que o perfil dos estudantes corresponda ainda mais com o retrato da maioria da população do Estado e do País”, avalia a secretária de Política Estudantil, Cláudia Lommez.

André Gonçalves, aluno do 5º período de Química Tecnológica no *campus* I (Belo Horizonte), é um desses estudantes. Autodeclarado negro e com renda *per capita* de até 1 salário mínimo e meio, André é o primeiro da família a cursar a graduação, o que, segundo ele, é motivo de orgulho

para todos. Para isso, não bastou o acesso via política de cotas: ele conta, mensalmente, com a Bolsa Permanência, que tem por objetivo garantir a permanência no ambiente acadêmico dos estudantes de baixa condição socioeconômica e que têm dificuldades para arcar com as suas despesas escolares. “A bolsa me auxilia em todos os aspectos, sobretudo transporte e alimentação. É uma motivação a mais para vir ao CEFET-MG. Sem ela, pouco provável que eu teria condições de estudar”, diz.

Compartilha da mesma opinião Jeferson Tabelini, aluno de Letras do *campus* I (Belo Horizonte), que passa o dia todo na Instituição, seja estagiando, seja estudando. “A bolsa representa estadia e viabilidade de estudar. Se não fosse esse auxílio, creio que eu, e muita gente, estaria em situação de risco, havendo a possibilidade de interrupção dos estudos a qualquer instante. Creio que a bolsa é quase uma mãe para gente”, compara.



Bolsista, Jeferson Tabelini acredita que sem o auxílio poderia interromper os estudos

Gênero e orientação sexual

Em 2018, a pesquisa apresentou um percentual de 39,7% de mulheres cisgêneras e 55% de homens cisgêneros, comprovando, ainda, uma Instituição majoritariamente masculina entre os graduandos. São classificados como “cisgêneros” aqueles que se identificam, em todos os aspectos, com o “gênero de nascença” ou gênero designado no nascimento.

Quando questionados sobre a orientação sexual, 4,8% dos estudantes afirmaram ser bissexuais, 0,9% pansexuais e 0,3% assexuais. A indicação demonstra um aumento da confiança e da segurança na Instituição para a autodeclaração de temas que ainda são socialmente delicados de serem abordados. “Temos convivido com uma crescente diversidade em todos os aspectos e isso reforça que o respeito às diferenças e o combate à intolerância são essenciais para que todas e todos se sintam integrantes da comunidade acadêmica. Um ambiente mais acolhedor propicia a pluralidade de ideias e favorece, sobremaneira, o cumprimento das finalidades da Instituição, de produzir conhecimentos e promover a formação cidadã”, explica Cláudia.

Perfil nacional

Além desses dados, a pesquisa Andifes/Fonaprace aprofunda em dados familiares, de vulnerabilidade, de saúde e outras características que ajudam a definir o perfil socioeconômico dos graduandos. Com o diagnóstico é possível conhecer a realidade social nas Ifes e definir políticas para a defesa da universidade pública, em geral, e da assistência estudantil, em particular.

O presidente da Andifes, reitor Reinaldo Centoducatte (UFES), explica que o resultado da pesquisa é um importante instrumento que poderá auxiliar na formulação de políticas públicas para todos os brasileiros. “Como tudo que as universidades federais fazem, essa pesquisa é de interesse nacional, do Governo Federal e do Ministério da Educação, dos governos estaduais, do Congresso Nacional, de estudiosos, e de todos aqueles que tenham interesse. A pesquisa corrobora o papel social das universidades a serviço do Brasil, auxiliando políticas públicas e contribuindo para o crescimento do País”, diz.

Entre os resultados apresentados na pesquisa nacional, constata-se que 56,4% dos estudantes são do sexo feminino, têm idade média de 24,4 anos; 51,2% se autodeclararam pardos ou negros; 70,2% têm renda mensal até 1 salário mínimo e meio; 64,7% cursaram o Ensino Médio, em parte ou todo, em escola pública e vêm de famílias em que os responsáveis não tiveram acesso ao ensino superior.

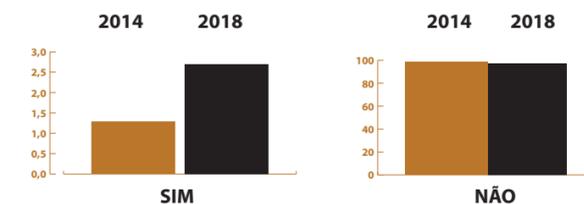
Enquadra-se nesse perfil Kassiany Geamonoud, aluna do 7º período de Engenharia Mecatrônica do *campus* Divinópolis. Mulher, 25 anos, autodeclarada negra, renda de até 1 salário mínimo e meio e sempre estudou em escola pública, Kassiany, apesar disso, entrou para o CEFET-MG sem fazer jus à política de cotas. “Fui aprovada em ampla concorrência, mas considero as cotas necessárias. Apoio e luto pelas cotas para pardos e negros, alunos oriundos de escolas públicas e pessoas de baixa renda, proporcionando a todos acesso ao ensino público e de qualidade”, afirma.

GRADUANDOS (AS) DO CEFET SEGUNDO COR EM 2014 E 2018 (%)

COR	2014	2018
amarela	2,3	2,0
branca	52,2	42,2
parda	36,1	43,1
preta - quilombola	0	0,6
preta - não quilombola	5,1	7,9
indígena aldeado	0	0
indígena não aldeado	0,2	0,4
sem declaração	4	3,8

Fonte: Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES (2014 e 2018).

GRADUANDOS (AS) DO CEFET SEGUNDO DEFICIÊNCIA EM 2014 E 2018 (%)



Fonte: Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES (2014 e 2018).

GRADUANDOS (AS) DO CEFET SEGUNDO TIPO DE ESCOLA EM QUE CURSOU O ENSINO MÉDIO EM 2014 E 2018 (%)

TIPO DE ESCOLA	2014	2018
somente em escola pública	53,1	57,9
maior parte em escola pública	2,1	3,5
maior parte em escola particular	4,7	4,6
somente em escola particular com bolsa	*	5,7
maior parte em escola particular com bolsa	*	1,1
somente em escola particular	40,1	27,3

Fonte: Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES (2014 e 2018).
* No questionário de 2014 não foram dadas essas opções

GRADUANDOS (AS) DO CEFET SEGUNDO FORMA DE INGRESSO EM 2014 E 2018 (%)

FORMA DE INGRESSO	2014	2018
não responderam	4,9	-
ampla concorrência	80,3	63,6
cotas*	14,8	36,4

Fonte: Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES (2014 e 2018).
* Nessa categoria, foram somadas as respostas dos seguintes itens: Cotas de Escola Pública/Pretos/Pardos/Indígenas/Renda bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salários mínimos; de Escola Pública/Pretos/Pardos/Indígenas/Independente de renda; de Escola Pública/Renda bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salários mínimos; de Escola Pública/Independente de renda

Crédito: Júlio Sardinha



“Me sinto fazendo parte da história do CEFET-MG. Ele abriu uma porta de oportunidades para mim que nunca tive”

Vera Lúcia Lopes

Histórias que se entrelaçam: projetos transformam vidas e trajetórias

Colaboradores terceirizados do CEFET-MG participam de cursos que proporcionam autoconhecimento e qualificação profissional

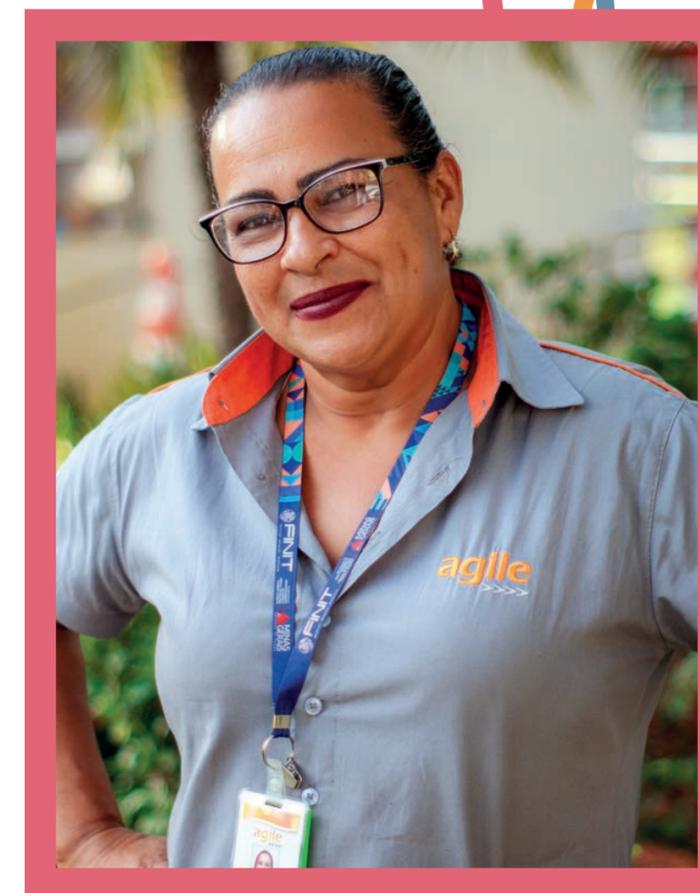
• Flávia Dias •

As funcionárias do CEFET-MG Vera Lúcia Lopes e Vânia Antunes têm trajetórias de vida parecidas: tiveram que parar de estudar no ensino fundamental devido às obrigações com o trabalho e, agora, encontraram no projeto de extensão “A Escrita de si como instrumento de visibilidade para os terceirizados do CEFET-MG” uma oportunidade de adquirir conhecimento e dar continuidade aos estudos.

Vera Lúcia Lopes, há 21 anos trabalha na limpeza da Biblioteca do CEFET-MG. Natural de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, só estudou até a 4ª série do ensino fundamental e precisou mudar para Belo Horizonte para poder trabalhar e ajudar em casa. Muito tímida para se comunicar, acredita que as aulas vêm mudando até mesmo esse seu jeito. “Estou me sentindo bem, tenho vontade de me abrir, conversar com as pessoas, estou aprendendo que sou uma pessoa igual a todo mundo. Sinto fazendo parte da história do CEFET-MG. Ele abriu uma porta de oportunidades para mim que nunca tive”, destaca Vera.

Vânia Antunes está há cinco anos no CEFET-MG e foi a primeira a fazer a matrícula no projeto de extensão. Sempre teve vontade de voltar a estudar, já que parou os estudos na 8ª série, e a oportunidade de voltar à sala de aula “alavancou” a sua vida, assim define. “Adoro ler e as aulas ajudam nisso. Antes não conseguia me concentrar para a leitura, agora consigo assimilar mais o que leio. A gente está aprendendo parágrafos, pontos, a se comunicar melhor, fazer redação...”, explica Vânia.

Vânia e Vera Lúcia sentem que estão crescendo, evoluindo e estão tendo esperança que vão avançar ainda mais. Elas querem concluir o ensino fundamental e se preparam para Encceja, exame destinado a jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos na idade apropriada para cada nível de ensino.



Vânia Antunes foi a primeira a fazer matrícula no projeto “Escrita de si”

“Quero saber dialogar”

Assim como Vera Lúcia e Vânia, cerca de 50 terceirizados participantes do projeto buscam crescimento pessoal e profissional. “Não quero só aprender a escrever, quero saber dialogar também”, “Quero diminuir minha timidez”, “Nunca é tarde para aprender”, “Quero conhecer as histórias de vida aqui”... Essas são algumas expectativas descritas pelos estudantes.

A técnico-administrativa Juliana Pacheco, coordenadora do projeto, conta a motivação em trabalhar com esse público. “A ideia do projeto surgiu da vontade de ampliar as formas de ação na Instituição e de conhecer a história dessas pessoas. A escrita é emancipatória”, ressalta. Com Juliana, estão envolvidos no projeto a pedagoga Edna Vieira; os alunos Artur Quadra e Kênia Chagas; o bolsista Evandro Carneiro; o técnico administrativo Nelson Nunes; os professores do Departamento de Linguagem e Tecnologia Alcione Gonçalves, Cláudio Lessa, Mariana Cestari e Sérgio Gomide; e a professora externa convidada Beatriz Maciel.

O curso teve início em março, com aulas uma vez por semana, e terá a duração de um ano. As atividades variam: são oficinas, palestras, discussões, trabalhos orientados que buscam o letramento dos funcionários em práticas de produção textual, fotografia e apresentação de discursos. O objetivo é que os alunos possam criar narrativas individuais e coletivas, descritas sempre pelo ponto de vista do próprio sujeito, e não por um olhar externo. Para isso, o grupo elegeu como temas norteadores “Eu, minha família, meu trabalho e lazer”; “Eu e minhas experiências escolares”; “Eu, a linguagem e o preconceito linguístico”; e “Eu, a política e a religião”.

O Projeto é realizado pelo Departamento de Arte, Design e Tecnologia; pela Secretaria de Política Estudantil (SPE), que apoia com a Bolsa de Complementação Educacional; e pela Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) do CEFET-MG.

Compostagem no CEFET-MG dá resultados

Desde dezembro de 2018, o Programa “Composta CEFET-MG” funciona no *campus* Belo Horizonte e tem a participação de profissionais terceirizados da manutenção das áreas externas do *campus*, jardineiros e capineiros. De lá para cá, houve a reciclagem de aproximadamente 45% dos resíduos orgânicos oriundos dos preparos de alimentos (folhas, talos e cascas de verduras e frutas) do refeitório do *campus*. Nesse período de funcionamento do programa, aproximadamente 1,6 toneladas de resíduos foram recicladas, produzindo em torno de 800 kg de adubo orgânico. O adubo já está sendo utilizado nos jardins da Instituição e para a produção de mudas de plantas ornamentais.

O programa está sob a responsabilidade da profa. Valéria Zago, com participação dos alunos Rodrigo Aguiar e Rafaella Costa, do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária e apoio da prefeitura do CEFET-MG. Quem faz o trabalho no dia a dia são os funcionários terceirizados, especialmente Wallace Souza, Carlos Henrique Morais e João Ferreira. Eles recolhem os resíduos, separados pelos servidores do refeitório, e realizam as operações rotineiras de construir as pilhas de compostagem. Wallace e Carlos Henrique compartilham a ideia de que a compostagem ajuda o meio ambiente. “É muito importante esse projeto porque diminui o lixo no *campus*”, ressalta Carlos Henrique. “Melhora a natureza, está dando certo; esse projeto tem que ter continuidade”, reflete Wallace.

Como os terceirizados já atuam nas atividades de manutenção dos jardins e limpeza das áreas externa do CEFET-MG, a oficina, segundo a coordenadora Valéria Zago, surgiu da necessidade de capacitá-los para conduzirem a compostagem. “Hoje, eles têm um conhecimento agregado que poucos jardineiros possuem, o que pode ajudá-los profissionalmente. A importância desse projeto para o CEFET-MG é dar o bom exemplo do ponto de vista ambiental, de como reciclar os resíduos orgânicos e, além disso, redução de custos com a compra de fertilizantes e futuramente da taxa de coleta de lixo”, conclui Valéria.

Curvelo e Timóteo investem em capacitação e conscientização

• Nívia Rodrigues •

Sensibilizar-se e reconhecer a importância de cada elo é essencial para o crescimento e o desenvolvimento de toda a Instituição. É nisso que os *campi* Curvelo e Timóteo vêm apostando. A prefeita do *campus* Curvelo, Edilene Soares, explica que a relação de proximidade com os funcionários das organizações terceirizadas, exigida pelo cargo, fez com que ela pudesse acompanhá-los e observá-los mais atentamente. “A relação existente é boa e respeitosa, mas ainda falta, por exemplo, aos funcionários terceirizados participarem de forma integral nos eventos festivos da Instituição”, avalia.

A partir dessa constatação surgiu a demanda de um projeto de intervenção, que está sendo montado pela Prefeitura do *campus*, com o auxílio das equipes de Psicologia e de Enfermagem. Entre as ações, estão sendo discutidas a realização de rodas de conversa, ginástica laboral e atividades recreativas.

Em Timóteo, algumas ações também têm contribuído para essa integração. Por meio de projeto de extensão, foi realizado, no segundo semestre de 2018, o treinamento sobre a Norma Regulamentadora (NR) 10, que trata de segurança em instalações e serviços em eletricidade. A capacitação foi destinada aos trabalhadores terceirizados que, direta

ou indiretamente, atuam nesse tipo de serviço, e teve a coordenação do diretor do *campus*, professor Erick Brizon, em parceria com técnicos administrativos, docentes e com o Corpo de Bombeiros local. O colaborador da Conservo Vanderli de Araújo participou do curso e afirmou que a capacitação contribuiu para orientar os procedimentos de segurança durante a execução de atividades elétricas do *campus*.

Outra frente de atuação foi a de incluir o tema nas atividades de recepção aos alunos novatos. No início do ano, a Diretoria do *campus* promoveu encontro dos ingressantes com a Prefeitura, a Coordenação Acadêmica e a Coordenação Pedagógica, oportunidade em que a encarregada da Conservo Ivani Gonçalves e o assessor da Diretoria do *campus* Talles Quintão apresentaram a rotina de trabalho dos terceirizados e reforçaram a necessidade do comprometimento de todos com a limpeza e a conservação do patrimônio institucional.

A diretora adjunta, professora Silvania Aparecida de Freitas, explica que a iniciativa foi muito bem recebida pelos alunos. “Houve uma visível mudança de comportamento entre os estudantes novatos sobre o tema, a ponto de termos decidido estender esse encontro também para os alunos veteranos”, planeja.

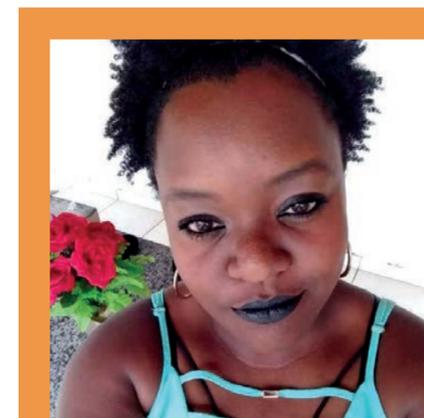
Funcionários terceirizados falam da relação com o CEFET-MG



Joana D'Arc da Costa Alves

Encarregada de limpeza
Campus Araxá

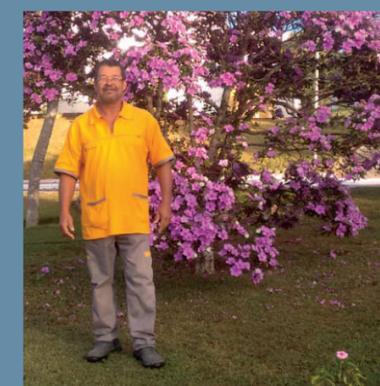
“Eu sempre falava para as minhas irmãs que um dia eu ia trabalhar com educação e estou aqui no CEFET-MG em Araxá desde antes de inaugurar. No começo, tivemos bastante trabalho: vieram as primeiras turmas e fazíamos o café da manhã e o almoço por meio da caixa escolar. Usávamos uma cozinha pequena e tudo foi crescendo. Eu também fui crescendo, apesar de ter feito até a 8ª série: eu cresci aqui aprendendo, conversando com as pessoas. Eu tenho orgulho de falar que o CEFET cresceu nas minhas mãos: nas mãos de quem se dedica, nas mãos dos professores, nas mãos dos trabalhadores, nas mãos dos alunos, tenho muito orgulho de fazer parte disso.”



Lidiane de Fátima Dantas

Servente escolar
Campus Nepomuceno

“Todos os dias é um aprendizado diferente no CEFET-MG. Sinto em meu coração um carinho muito grande por todos e isso me deu coragem e vontade de voltar à escola, pois parei de estudar na 5ª série do ensino fundamental. Já consegui completar mais duas séries e tenho o sonho de fazer o curso de assistente social. Eu gostaria muito de pedir para que possam olhar um pouco mais para a gente, pois nós não temos as mesmas condições dos professores e servidores. Gostaríamos de fazer o nosso almoço no refeitório do CEFET-MG que, aliás, tem uma comida deliciosa. Usamos o ticket-alimentação fornecido pela empresa como complemento de renda para ajudarmos na alimentação de nossa família”



Marcos César Flausino

Serviços gerais
Campus Divinópolis

“Trabalho no CEFET-MG há mais de 7 anos e me sinto muito valorizado aqui em Divinópolis. Todos os anos sou homenageado pelos alunos e pelos funcionários daqui. Comecei trabalhando como jardineiro e fiquei até setembro de 2018, quando fui dispensado porque a função de jardineiro não iria mais existir. Em abril deste ano, fui recontratado para fazer serviços gerais. Faço meu trabalho e, nas horas vagas, sou artista plástico; gosto de pintar meus quadros, minhas paisagens. Sou muito grato ao CEFET-MG por tudo!”



Conselho Diretor regulamenta órgãos de representação dos estudantes no CEFET-MG

Grêmios, DAs e DCE têm atuação garantida na Instituição,
organizando eventos e promovendo discussões

• Diogo Tognolo •

Representar os estudantes, promover eventos, discussões e campanhas, participar das decisões da Instituição. Essas são algumas das atividades realizadas pelos grêmios, diretório central de estudantes e diretórios acadêmicos em todo o CEFET-MG. Esses órgãos de representação estudantil foram recentemente regulamentados pela Resolução CD-03/19.

O documento estabelece critérios de credenciamento de entidades representativas dos estudantes nos três níveis de ensino: técnico de nível médio, graduação e pós-graduação. As entidades devem realizar eleições e possuir um estatuto em que detalham suas atribuições e forma de organização. Para Rodrigo de França Cunha, estudante de Engenharia de Transportes e secretário-geral do Diretório Central dos Estudantes do CEFET-MG, a Resolução reforçou o importante papel desempenhado por esses órgãos, destacando a participação dos estudantes nos órgãos decisórios do CEFET-MG. Pela Resolução, é de responsabilidade dos órgãos máximos de representação estudantil a indicação de representantes do corpo discente para os Conselhos. “A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) trouxe como princípio do ensino público a gestão democrática com participação da comunidade. E esse exercício é realizado através dos Conselhos e Colegiados”, explica Rodrigo. “Cabe apenas a nós e a nossas entidades filiadas indicar quem irá nos representar. Caso deixemos de existir, ninguém mais pode indicar esses assentos, ficamos sem voz”.

Essa proximidade com a gestão com o intuito de defender os desejos dos estudantes é apontada também por Gabriel Moronari, presidente do Grêmio Estudantil do *campus* Timóteo. “A partir da representatividade dos alunos, alcançamos melhorias e benefícios para todos e todas estudantes, ouvindo suas necessidades e lutando para conquistá-las”, afirma. “Dessa forma, o Grêmio, no *campus* Timóteo, atua como ponte entre discentes e demais servidores, bem como busca tornar melhor e mais saudável a convivência no *campus*”. O sentimento é reafirmado pela coordenadora de Relações Públicas do Diretório Acadêmico da Engenharia de Automação Industrial do *campus* Araxá, Júlia Fonte. Ela afirma que o DA funciona como uma ponte entre coordenação e alunos, “de maneira que os alunos saibam das decisões tomadas e das oportunidades oferecidas pelo CEFET-MG, e para que tais decisões estejam coerentes com a realidade dos alunos”. Como exemplo, ela cita a campanha #NãoéNormal, realizada em 2018, em que ouviram relatos de problemas dos estudantes e levaram as reclamações para a Diretoria.

Eventos e política

Talvez uma das faces mais conhecidas dos órgãos de representação estudantil são os eventos realizados. Mais do que apenas festas, para os estudantes ouvidos pelo **Diagrama**, eles são espaços de promoção da diversidade entre os alunos. Gabriel Moronari, do *campus* Timóteo, cita eventos como a “Segunda Cultural” e sarais, e destaca outras “intervenções que abordam as temáticas de minorias, a fim de conscientizar e incluir todos os discentes”. Rodrigo Cunha destaca a participação do órgão na Semana da Diversidade, “que busca discutir a temática de gênero, diversidade afetiva e relações étnico-raciais”. Ele cita também a Copa DCE de Futebol de Campo e festas, como a Recepção de Calouros, Vinhada e Festa Junina. “Além disso, estamos programando um evento sobre saúde mental com a PUC Minas”, conta. Em Araxá, algumas das atividades realizadas buscam dialogar com a comunidade externa e promover a filantropia. “Recentemente, o Diretório Acadêmico de Engenharia de Automação realizou uma campanha do agasalho, com o Grêmio Estudantil do *campus*, e arrecadou doações no trote solidário”, afirma Germano Freitas, presidente do DA em Araxá.

A atuação também se volta para as conquistas políticas, tanto no âmbito interno, quanto no externo. Internamente, o DCE destaca a atuação de seus membros no requerimento de turmas extras de Cálculo I e Geometria Analítica e Álgebra Vetorial (GAAV), e na alteração de normas acadêmicas. Em Timóteo, os alunos realizaram atividades voltadas à limpeza e manutenção das salas de aula e espaços de convivência dos alunos. Mas a ambição é também incentivar o pensamento político. “Em cenários de risco à livre expressão e à democracia, entidades representativas garantem a consciência de coletividade dos discentes e permitem a continuação da visão coletiva a partir de forças individuais”, afirma Gabriel Moronari.

Araxá e Divinópolis sediam primeiros mestrados do CEFET-MG no interior

Com os mestrados profissionais em Engenharia de Minas e em Educação Profissional e Tecnológica, Instituição passa a contar com 14 programas

• Flávia Dias •

O CEFET-MG ofertará, ainda em 2019, dois novos cursos de mestrado. Em Araxá, o início do mestrado profissional em Engenharia de Minas está previsto para agosto deste ano e em Divinópolis, o mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) teve o seu primeiro processo seletivo.

O mestrado profissional em Engenharia de Minas no *campus* Araxá foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e será o primeiro na área em Minas Gerais. No Brasil, além do CEFET-MG só existe esse curso na Universidade Federal do Pampa (Unipampa). O diretor do *campus* Araxá, professor Felipe Russo, ressalta a importância da oferta do mestrado. “Irá preencher uma lacuna nacional para o treinamento dos profissionais da indústria da mineração. Os profissionais da região terão acesso a um curso gratuito e idealizado para ser realizado sem prejudicar sua presença na indústria”, destaca. Ainda segundo o diretor, “o CEFET-MG terá recurso para desenvolver pesquisa de alto nível, além de fazer aquilo que é a marca da instituição, que é gerar estudos avançados aplicados na indústria”.

O curso tem área de concentração em Engenharia de Minas e as linhas de pesquisa em Geologia de Engenharia na Mineração e Processamento de Minérios e Rejeitos. O coordenador do Programa, professor Hildor José Seer, explica que existe uma carência muito grande de cursos *stricto sensu* ofertados por instituições públicas, especialmente na área de mineração, e ressalta a importância do mestrado para o CEFET-MG e comunidade regional. “Representa avanço significativo na oferta de educação de qualidade no interior do país e projeção do *campus* junto aos setores produtivos e educacionais. Significa também a possibilidade de impulsionar as carreiras científicas de professores e alunos, atrair recursos para pesquisa e inovação e melhorar a inserção do CEFET-MG na comunidade regional e a integração escola-indústria”, destaca o coordenador.

Além do mestrado em Araxá, o CEFET-MG realizou a adesão ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. O curso está sendo ofertado no *campus* Divinópolis. O ProfEPT visa à produção de conhecimento e o desenvolvimento de produtos, por meio da realização de pesquisas que integrem os saberes inerentes ao mundo do trabalho e ao conhecimento sistematizado.

Segundo o diretor do *campus*, Emerson Costa, Divinópolis é uma cidade que possui grande população universitária e o mestrado profissional é um ganho para a sociedade. “O CEFET-MG é uma instituição pública de altíssima qualidade de ensino que agrega valores, tanto à comunidade acadêmica, quanto à sociedade local, interferindo na ampliação do desenvolvimento político-econômico local. A sociedade se orgulha dos alunos do CEFET-MG e, em Divinópolis, esta Instituição tem a tradição de realizar atividade extensivas às outras instituições, como escolas públicas estaduais, municipais e até a própria Secretaria Municipal de Educação”, ressalta o diretor.

Para Emerson, a oferta do curso sinaliza a possibilidade de expansão das oportunidades para a qualificação da população, além de apresentar ampliação do *campus*. “Isso nos enche de orgulho porque estamos oferecendo à população um curso de pós-graduação público, gratuito e de qualidade. Esperamos que este seja apenas o primeiro de muitos programas de mestrado e doutorado que ofereceremos à Divinópolis e região”, destaca.

O diretor está com grandes expectativas. “O corpo docente é qualificado e bastante diversificado, o que atenderá às mais diversas linhas de pesquisa. O comprometimento de toda a equipe que compõe a estrutura é grande, afinal, estamos iniciando em um nível educacional que é novidade para o *campus*, porém estamos confiantes e ansiosos pelo início das atividades”, finaliza Emerson.

